

Sou morena, porém formosa!



Nossos agradecimentos a ***Deepika Padukone...***

...sem a qual...
...esse estudo bíblico
...não seria
...o mesmo...

Cânticos dos Cânticos 1.5-6

5 Sou morena, porém formosa,
ó filhas de Jerusalém,
como as tendas de Cedar,
como os pavilhões de Salomão.

6 Não me olheis com desdém, por eu ser morena!

Foi o sol que me bronzeou:

os filhos de minha mãe, aborrecidos comigo,
puseram-me a guardar as vinhas;
a minha própria vinha não pude guardar.

Wellington Corporation

Cânticos dos Cânticos 1.5-6

5 Sou morena, porém formosa,
ó filhas de Jerusalém,
como as tendas de Cedar,
como os pavilhões de Salomão.

6 Não me olheis com desdém, por eu ser morena!

Foi o sol que me bronzeou:

os filhos de minha mãe, aborrecidos comigo,
puseram-me a guardar as vinhas;
a minha própria vinha não pude guardar.



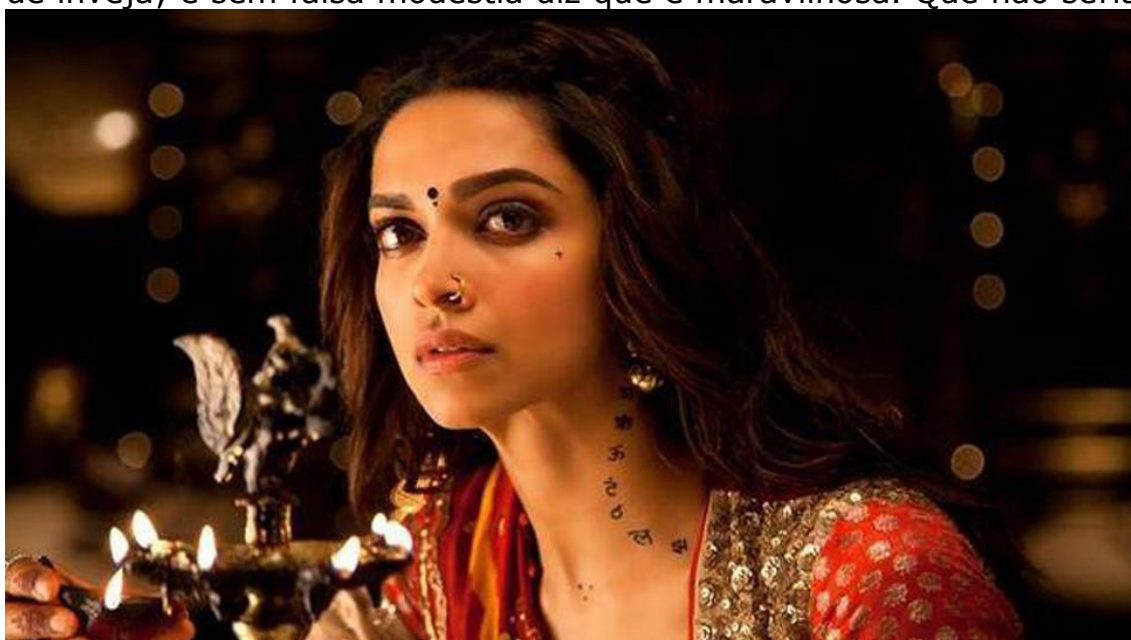
Na Índia a tonalidade branca da pele feminina ainda é valorizada em muitas regiões. Na antiguidade as mulheres de tez branca gozavam de prestígio também. A maioria das moças de famílias menos abastadas eram invariavelmente morenas. Quanto mais escura a pele mais ela aproximava-se de pertencer a uma descendência que traria à memória: povos conquistados, diversas tribos nômades do deserto. Certamente traria à memória duras condições do deserto. Lembraria ao sol escaldante, ao calor, lembraria duras condições de vida das

moças morenas, castigadas pelo sol, numa sociedade em que tinham que realizar muitas atividades sob o sol, tais como cuidar de crianças, carregar água, lavar roupa. Isso as envelhecia antes do tempo. O pano de fundo do cântico dos cânticos é a sociedade pastoril israelita, e os povos que habitam na terra que hoje denominamos oriente médio.

A moça de Cantares de Salomão possui um trunfo que a torna superior a todas as questões culturais que envolvem sua situação:

Ela é linda.

Ela reconhece, sem parcimônia, que é formosa ao extremo. Tão bela de corpo que as moças da cidade olham com inveja para ela. Ardem de inveja; e sem falsa modéstia diz que é maravilhosa. Que não seria



a cor de sua pele que diminuiria a beleza que reconhecia que tinha e que lhe tornava tão esplendida como as mais belas tendas das tribos de Cedar. Ela que é pode ou não ser morena de nascimento (o mistério de sua parentela é um dos fios que conduzem a trama do livro), trata com desdém a quem a desdenha. Seus irmãos invejosos a colocaram para tomar conta de uma vinha, serviço de homens, perigoso e ela zomba das que a tratam mal dando uma desculpa esfarrapada a respeito de sua cor. A ultima frase ecoa um sentimento de perda. Forçada a trabalhar nas vinhas alheias, de quem não teve responsabilidade, acabou por perder o cuidado com a que lhe pertencia.



A moça de beleza sem-par é parte de um poema de amor composto a quatro mãos. É um dueto da alma humana e do coração divino. O Espírito Santo inspira o amor apaixonado e nele celebra igualmente seu amor por nós. Pelo ser humano. Pelo mundo. E pela amada por quem se apaixonou a quem chama de Igreja. Sua Igreja. A Igreja é a soma dos que amam ao Espírito de Deus, daqueles que o recebem e permitem serem transformados por ele. Que amam o que ele falou, sua carta escrita ao coração dos homens, as Escrituras.

A mulher que foi desprezada pelas filhas de Jerusalém sabe o quanto é formosa. As filhas de Jerusalém são as filhas dos nobres, dos príncipes e da realeza; são filhas de mercadores e de sacerdotes.

Pertenciam ao lugar mais caro para se morar na terra santa. E era caríssimo morar ali, desde a antiguidade. Ali habitavam os músicos e a corte de Salomão.

As filhas de Jerusalém retratadas no poema são soberbas, altivas, criam estar acima de todas as outras mulheres.

Elas nos lembram aos ricos do mundo, aos políticos que ao assumirem seus cargos usam ao poder como um escudo, aos religiosos que proclamam uma vida que não possuem, aos intelectuais e seu desprezo por Deus e pela extrema beleza espiritual da igreja que ama a Cristo. Estes últimos riem da busca da pureza, da necessidade da santidade, do chamado ao arrependimento pelos pecados. Eles desprezam a necessidade de Deus, e olham para os que anseiam pela eternidade e pelo Reino dos Céus com tremendo desdém.

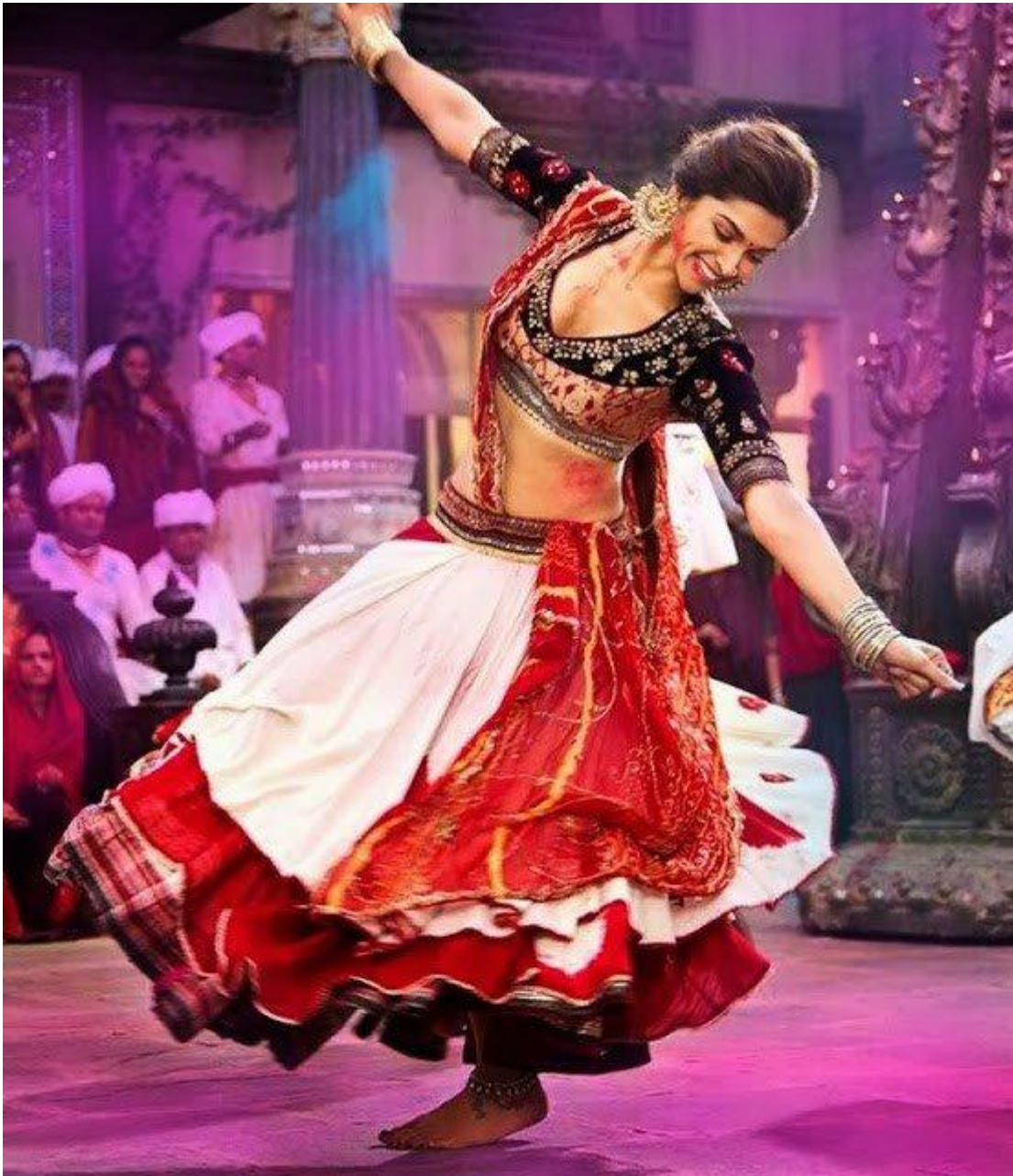
A Igreja gentílica, nascida da antiquíssima promessa dada a Abraão " Em ti serão benditas todas as famílias da terra" foi desprezada pelos irmãos mais velhos. Os judeus perderam a universalidade do evangelho a eles confiado e advogaram somente para si uma promessa que pertencia a todos. Trataram a irmã mais nova como um serviçal. Entenderam a si como herdeiros e não entenderam que ela era dona de direitos que não podiam ter negado. A igreja gentílica vem de homens e mulheres de toda a terra que viram seu mundo espiritual ruir. As nações não guardaram as antigas visões ou revelações dadas por Deus. Elas transformaram as palavras de seus profetas em imagens de animais e diante delas se encurvaram. As nações adoraram a deuses que não eram deuses. A vinha que lhe pertencia ela não guardou.



Mas algo mudou nessa moça atrevida. Ela tem um olhar diferente, uma postura diferente. A Igreja de Cristo sabe que sua herança espiritual a torna tão formosa aos olhos de Deus como os pavilhões de Salomão! Mas, Salomão não habitava uma tenda. Pavilhão é o espaço coberto

interior ou exterior de uma tenda. Ou um amplo salão de uma construção. A moça (linda) se compara à casa com gigantescos salões, a fabulosa casa do bosque, a casa que Salomão construiu para si feita de madeira de cedro do Líbano. E ao mesmo tempo aos pavilhões do templo de Salomão. Ela é tão formosa quanto o mais sagrado templo construído na terra.

Cedar (Quedar) era uma antiga região da Arábia, significa "cedro", uma região onde deveriam haver bosques frondosos de árvores de cedros. Os Cedros permanecem verdes durante todas as estações. Numa padaria coberta de neve eles se destacariam como as únicas árvores verdes. Ela irrita as filhas de Jerusalém com a suprema ousadia, comparando-se ao mesmo tempo com as tendas dos árabes que descendem de Ismael e com o que elas têm de mais sagrado na capital de Israel, o templo. Ismael era filho que Abraão teve de uma escrava, Hagar. Hagar foi expulsa de casa por sua senhora, Sara, esposa de Abraão. Vagando no deserto da Arábia ela se aproxima do bosque de cedros sem provisões, sem destino e sem condições de alimentar a criança que agora desfalece sobre uma rocha próximo a Cedar. Hagar se afasta para não ver o jovem morrer. Então um anjo aparece a jovem escrava e lhe provê as condições de sobrevivência para ela e seu filho. E ainda lhe concede uma promessa. Da promessa concedida a Hagar hoje temos o **mundo árabe** (em [árabe](#): العربي العالم, [transl.](#) *al-'Alam al-'Arabi*), relativo ao conjunto de [países](#) que falam o [árabe](#) e se distribuem, [geograficamente](#), do [oceano Atlântico](#), a oeste, até o [mar Árábico](#), a leste, e do [mar Mediterrâneo](#), a norte do [Corno de África](#), até o nordeste do [oceano Índico](#). É constituído por 22 países e territórios com uma população combinada de 360 milhões de pessoas abrangendo o [Norte de África](#) e a [Ásia Ocidental](#).



Eu sou tão bela quanto as tendas de Hagar! Tendas daquela escrava que os vossos pais desprezaram... Eu sou tão linda como as tribos de Ismael!

Eu sou bela como uma dançarina árabe e formosa como o templo de Salomão!

Quando Cristo anunciava o evangelho os escribas saduceus e os fariseus cheios de orgulho, desprezando até onde puderam o que ele lhes ensinava, perguntavam-lhe:

- Quem te deu tal autoridade? Porque se imaginavam como sendo os únicos que tinham o direito de falar e ensinar sobre as coisas contidas nas Escrituras. Imaginavam como legítimos intérpretes da Lei e viam a si mesmos como representantes oficiais de Moisés.



Logo após a ressurreição de Cristo a Igreja anuncia o evangelho e relê as profecias do Velho Testamento e grita que tem direito as promessas dadas aos judeus, manifestando a presença divina de tal modo que nela há profetas, visões, revelações, visitas angelicais e toda sorte de milagres como os judeus só conheciam ao ler as antigas páginas do cânon hebraico.

Quem deu a Cristo a sua Autoridade é o mesmo que inspirou as formas do templo de Salomão. Uma noite a três mil anos atrás Davi, pai de Salomão o chamou e abriu diante de seus olhos a planta de um magnífico edifício. Um edifício que fora lhe sendo inspirado gradativamente e que planejara construir. A planta do prédio fora

concedida a ele como uma revelação é dada a um profeta. Os planos não vieram de sua mente. Davi acumulou materiais para o projeto por cerca de 14 anos. Antes de morrer ele passou os desenhos para seu filho Salomão que levou sete anos para edificá-lo.

A igreja de Cristo possui a beleza do ministério do Espírito Santo, de múltiplas formas, concedendo-lhe uma imagem tão bela quanto os pavilhões do templo mais belo que já existiu. Ela é estrangeira, mas é adornada com graça e unção, ela ora com convicção e fé ela adora com emoção e sinceridade. Ela grita:

- Sou morena, porém formosa! Ó! filhas de Jerusalém!
Como as tendas de Cedar!
Como os pavilhões de Salomão!
Não me olheis com desdém, por eu ser morena!
Porque foi o sol
...que me bronzeou...



Antes de agradecer aos pais da Padukone tenho uma mensagem especial, derivada deste texto.

AQUILO QUE EU VEJO NO ESPELHO



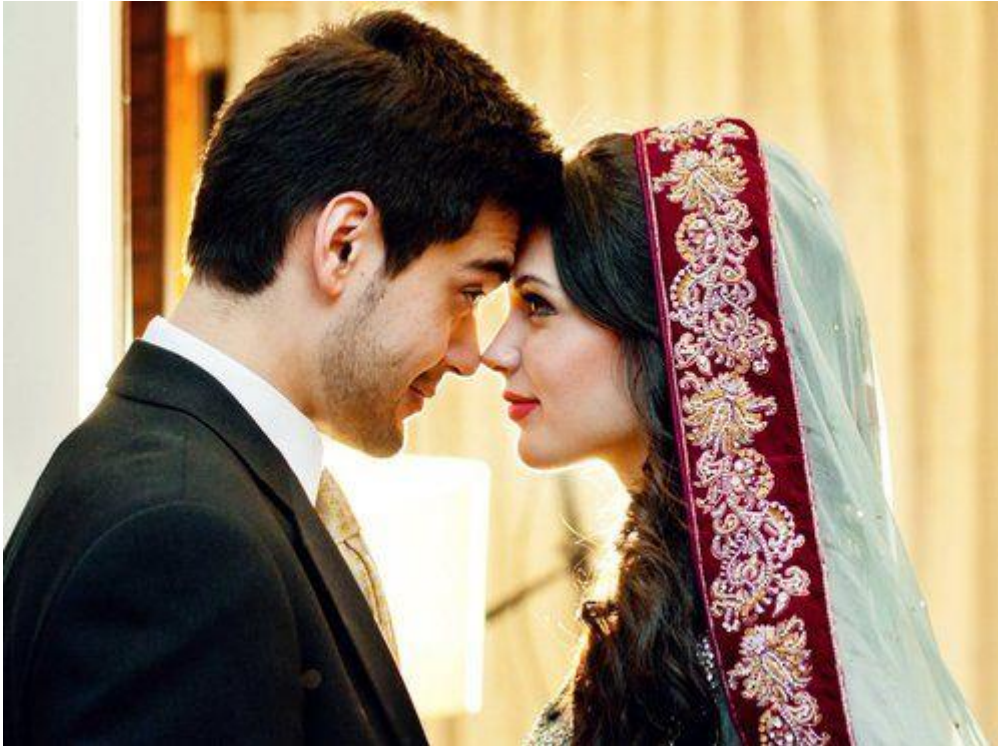
A percepção do universo vai mudando na medida que amadurecemos. A criança quase nunca olha num espelho. Porque ela não sente a necessidade de se preocupar com a aparência. Ela simplesmente olha para o mundo ao seu redor. Continuamente. E se contempla a seu próprio reflexo num espelho pela primeira vez, ela ri, ou se assusta. E logo volta seus olhos para o que tem ao seu redor. Porque a si mesma ela já conhece o suficiente e seu interesse é explorar o universo. Provando-o. O cosmos tem gosto de alguma coisa. Por isso as crianças estão sempre provando objetos. E comendo porcaria. Há um instante na existência em que começamos a prestar atenção em nós mesmos. Por comparação.



Ao observarmos e convivermos com o outro. E ao nos tornarmos emocionalmente constrangíveis. Quando a emoção, o sentimento, a reprovação ou a aprovação alheia começam a pesar na percepção do que somos. E de como APARENTAMOS SER. Queremos como impulso humano, mais poderoso que o social, sermos aceitos. Sermos amados. Sermos NOTADOS. A criança exige atenção desde muito pequena. Desde cedo aprende até mesmo a simular o choro de fome para chamar a atenção da mãe. Dias após nascer. A atenção, o afeto concedido para a criança não necessita de nenhum conceito de beleza pré-existente. A estética não é relevante, sequer existente, apenas como conceito estranho, embrionário. Lamber sabão é fácil, combinar roupas, uma arte impossível. A criança vai aprendendo sobre valores estéticos através da observação de outros. Através do elogio ou da contrariedade dos outros. O que deve ou não ser vestido, como o cabelo deve ser penteado e o que é a sujeira. A diferença de um nariz escorrendo e de um rosto limpo. O desenvolvimento da alma humana é um desses mistérios insolúveis. Há um instante em que a consciência

será apresentada para um dos sentimentos mais contraditórios, poderosos e mortais que poderiam ser percebidos ou sentidos. A vergonha. A vergonha é uma reprovação interna diante de uma plateia externa, que em dado momento era INEXISTENTE aos olhos da alma. Não que não houvessem primos, avós, pais, irmãos, mas, porque a alma dançava sozinha. Sem se importar com quem assistia. A criança, ao menos quando ainda é bebê, não é parada pelo olhar de repreensão. Porque ela não o percebe. O grito alheio de "não coloque essa barata na boca" não lhe diz nada. A reprovação dos outros não lhe CONSTRANGE. Com a adolescência a consciência corporal, se posso denominar assim, muda. A percepção do JULGAMENTO alheio, a necessidade de ACEITAÇÃO da alma do outro, do círculo de parentes que se abriu dos colegas da escola até as amizades de trabalho, tem um efeito de limitação, de prisão, de atordoamento em nós, antes desconhecido. Começamos a nos enxergar pela percepção do outro. E a perceber os micro-movimentos. Há uma ciência na linguagem não verbal, que não faz a mínima diferença para a criança, que se não dá muita importância para a linguagem verbal-gritada em tempo real sublinhada por forte perigosa gesticulação e acompanhada de expressões faciais de clareza ímpar, muito menos ainda para essa camada sutil de olhares, expressões, movimentos, que demonstram de modo subliminar provocações, constrangimentos, desaprovações e até desprezo. A partir de certo instante o invisível comportamental alheio passa a pesar na balança dos sentimentos. Há uma aglomeração psicológica, uma osmose psíquica, da multidão. Há uma tendência das massas serem movidas por modismos culturais de toda sorte. Existe para cada época humana em grupos sociais, que podem ser estratificados pela escola, pelo partido político, pela nação, pela região do país, pela língua, pela casta social, pela etnia, pela raça, ou pelo time de handbol, uma espécie de comportamento psico-social compartilhado. Uma globalização da vergonha, um status quo da beleza, da vestimenta, do comportamento socialmente aceitável ou do esteticamente GLORIOSO. Não existem termos suficientes para delimitar a ditadura da beleza, o padrão do estético, do desejável, do glamouroso, do elogiável, do emponderamento, seja lá o termo que se dê para olhar-se no espelho e cobrar de si uma perfeição, que já não é uma COBRANÇA da alma alheia, já não é produto da avaliação do outro. Tornou-se uma crise internacional, padronizada pela indústria da beleza mundial. A voz do consumismo, aliada a indústria da beleza e da moda, suportada pela literatura, pelo cinema, pela novela, propagandeada aos sete ventos pelas revistas de doutrinação estética, milhares delas, evocou para si a capacidade de legislar sobre a beleza humana e de impor o padrão da perfeição estética. O ser humano ouve vozes o tempo todo, nas canções, nos eventos, nas celebrações, nas festas. E todas são contaminadas por uma desumana doutrinação. Essa psique coletiva as vezes cambaleia para a psicose. Não existe comportamento humano que não possua uma essência ESPIRITUAL. Não existe uma indústria cosmética que não possua uma herança na

antiguidade...MÁGICA. A adolescência desperta a percepção dos outros e seu julgamento a respeito de nós. Esse DESPERTAR tem uma razão oculta. O véu que nos impedia de sentir vergonha é retirado (as vezes de modo abrupto na adolescência), porque necessitamos OBSERVAR as pessoas, NOTÁ-LAS e necessitamos saber que estamos sendo PERCEBIDOS.



A alma humana está sendo preparada para o namoro, para a paixão, para o INTERESSE pela pessoa amada. O mote, o refrão por detrás da indústria da beleza ainda é o ROMANTISMO. O apelo que é MONUMENTAL em todas as escolas de moda, de perfume, ou de cosméticos é a SENSUAL. A indústria cosmética ESTIMULA o desejo, e é estimulada pelo desejo. A atração sexual define muitas vezes o escopo de marketing de produtos variados. E a dor que todo adolescente sente ao se contemplar no espelho está distorcido pelo EXAGERO da sensualidade contemporânea. Está impactado pela tecnologia da IMAGEM, que agora ESCRAVIZA a humanidade através do celular. Uma mulher da antiguidade poderia passar semanas ou até meses sem se contemplar num espelho. As vezes tudo que sabiam a sua própria aparência era aquilo que viam refletido num lago ou numa bacia com água.

Meninas de beleza invulgar, mulheres que seriam raptadas por príncipes do passado, que seriam motivo de disputa de guerreiros, que seriam motivo para guerra entre reinos, estão tendo uma visão DETURPADA de si mesmas. Estão adoecendo, estão enfermado

psicologicamente, desejando alcançar pela plástica ou por procedimentos estéticos perigosos, a ilusão artificialmente criada que as atormenta, e que não lhes saciará a alma, de que não possuem beleza.

Há um processo espiritual adjacente ao psicológico, que as está cegando. Onde as vozes que a circundam se tornaram a voz de sua própria mente. Onde a vergonha com seus próprios corpos, sem quaisquer tipos de deformidades, as aprisionou num ESPELHO INEXISTENTE.

Na medida que as "filhas de Jerusalém" começam a interferir em nosso comportamento, sejam elas vozes alheias amigas ou inimigas, podemos acreditar ou não nelas. A incapacidade de enxergar e de realçar o que há de belo nos rostos, no cabelo, dos sapatos aos brincos, dos vestidos aos make-ups da vida, no exercício sadio da vaidade feminina, tem se tornado MOTIVO DE DEPRESSÃO.

E depressão inútil.

Aprenda a recitar o trecho da canção:

- Sou morena, porém formosa! Ó! filhas de Jerusalém!
Como as tendas de Cedar!
Como os pavilhões de Salomão!
Não me olheis com desdém, por eu ser morena!
Porque foi o sol
...que me bronzeou...

Aprenda a compreender sua alma, a discernir a loucura das vozes do mundo, da inconsistência de uma vergonha incompreensível.

Aprenda a dizer, quando a INQUIETAÇÃO chegar, enquanto os anos passam, até você se tornar uma bela avó, para as INVEJOSAS filhas de Jerusalém, *ainda que parte de você tenha se ajuntado a elas*, seja você branca, morena, negra, amarela ou verde:

- Sou morena, porém formosa! Ó! filhas de Jerusalém!
Como as tendas de Cedar!
Como os pavilhões de Salomão!
Não me olheis com desdém, por eu ser morena!
Porque foi o sol
...que me bronzeou...



E QUASE FINALMENTE

Nossos agradecimentos ao pais da Depika Padukone - Sem a qual este estudo certamente... Não seria o mesmo...



E FINALMENTE... deixamos também... a foto da Pryianka Chopra... com inveja por não ter sido homenageada por este estudo...



WELINGTON CORPORATION